REVISTA
Coram Deo
TEOLOGIA • EDUCAÇÃO • COSMOVISÃO CRISTÃ

A PEDAGOGIA MODERNA E A NEGAÇÃO DA TRANSCENDÊNCIA - POR QUE A FÉ CRISTÃ NÃO CABE EM UM MODELO PURAMENTE HUMANISTA

Arnou Sena Lôbo Netto
Cláudia Santos Bastos de Albuquerque
Maria Antônia de Araújo Costa Santos
Natalia Torres Ratão
Natasha Georg
Regina Célia Ramos Negreiros
Prof. Or: Prof. Dr. Jean-Marie Lambert

VOLUME 1 • NÚMERO 1 • 2026

A PEDAGOGIA MODERNA E A NEGAÇÃO DA TRANSCENDÊNCIA: POR QUE A FÉ CRISTÃ NÃO CABE EM UM MODELO PURAMENTE HUMANISTA

Arnou Sena Lôbo Netto; Cláudia Santos Bastos de Albuquerque; Maria Antônia de Araújo Costa Santos; Natalia Torres Ratão; Natasha Georg; Regina Célia Ramos Negreiros[1]. Professor Orientador: Prof. Dr. Jean-Marie Lambert*[2]*

RESUMO:

O presente estudo no âmbito da educação tem por objetivo analisar o contexto histórico e filosófico do ensino pedagógico ao longo dos séculos, bem como debater as concepções cristã e humanista de educação. O estudo discorre sobre por que a fé cristã não cabe em um modelo puramente moderno e humanista, levando em consideração que a educação se apoia em pressupostos filosóficos, epistemológicos, antropológicos e, no caso da educação cristã, teológicos. Todo modelo educacional pressupõe uma determinada concepção de ser humano e de sua finalidade, o humanismo responde a essas questões fundamentando-se no homem como centro da educação e orientando sua formação para a utilidade social, já o cristianismo acredita no homem como um vice-regente da criação, chamado a compreender a criação para administrá-la adequadamente, visando glorificar o Criador. Essa divergência no fundamento antropológico e em objetivos culmina em propostas pedagógicas irreconciliáveis. A pedagogia moderna carece de princípios e valores ao negar a transcendência e reduzir o ser humano, empobrecendo a formação integral. A pedagogia cristã resgata a cosmovisão bíblica como fundamento para uma formação humana integral e como chave interpretativa da realidade.

---

[1] * Alunos do curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura da Faculdade Coram Deo.

[2] Possui graduação em Direito pela Universidade Católica de Goiás (1980), mestrado em Direito Internacional – Universite Libre de Bruxelles (1983), doutorado em Ciências Políticas – Université de Liège (2005) com pós-doutorado em Ciência da Religião na PUC-GO. Atualmente é professor emérito da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Goiânia e professor titular do Centro Universitário Alves Faria – UNIALFA. Tem experiência na área de Direito, com ênfase em Direito Internacional, atuando principalmente nos seguintes temas: direito internacional, direito econômico, África, integração regional, reforma agrária e globalização.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia moderna. Educação cristã. Antropologia cristã. Humanismo. Formação integral.

ABSTRACT:

This study, situated within the field of education, aims to analyze the historical and philosophical development of pedagogical thought throughout the centuries, while also examining the Christian and humanistic conceptions of education. It discusses why the Christian faith is incompatible with a purely modern and humanistic educational model, considering that every educational system is grounded in philosophical, epistemological, anthropological, and, in the case of Christian education, theological presuppositions. Every educational model presupposes a particular understanding of the human person and of humanity's ultimate purpose. Humanism answers these questions by placing the human being at the center of education and directing formation toward social utility. Christianity, by contrast, understands human beings as vice-regents of creation, called to understand and steward creation faithfully for the glory of its Creator. This divergence in anthropological foundations and educational purposes results in irreconcilable pedagogical proposals. By denying transcendence and reducing the human person to an immanent framework, modern pedagogy lacks objective principles and values, thereby impoverishing integral human formation. Christian pedagogy restores the biblical worldview as the foundation for an integral human formation and as the proper interpretive framework for understanding reality.

KEYWORDS: Modern pedagogy. Christian education. Christian anthropology. Humanism. Integral formation.

1. INTRODUÇÃO:

Desde a Antiguidade a educação esteve relacionada à formação humana, à transmissão de cultura, valores e princípios, de acordo com a concepção de realidade que cada sociedade possuía. Nesse sentido, a educação sempre foi muito além de cognição, fórmulas, regras ortográficas e conteúdos enciclopédicos[3].

[3] JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. 7. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2024.

A educação parte do pressuposto de que se educa alguém para algo, e a diferença entre as pedagogias está na visão do homem e de seu papel no cosmos. No início do século XIX, o filósofo alemão Immanuel Kant argumentou, em seu escrito *Sobre a Pedagogia,* que a prática pedagógica depende intrinsecamente de saber o que o homem é e o que ele deve vir a ser. Desde então, diferentes correntes pedagógicas têm reconhecido que toda educação se orienta por uma visão específica de mundo e de natureza humana. Assim, não existe educação neutra: toda proposta educacional está fundamentada em pressupostos filosóficos e antropológicos que orientam seus métodos, conteúdos e finalidades. Os diferentes conceitos de homem e sua missão resultam em práticas educacionais carregadas de intencionalidade em currículos que guiarão o aprendiz pelo caminho até que se alcance o objetivo final.

O cristianismo possui uma tradição de educação geracional, na qual a formação das novas gerações constitui responsabilidade primordial da família e da comunidade da fé. Em sua carta aos Efésios, o apóstolo Paulo emprega o termo grego *paideia* ao orientar os pais cristãos sobre a forma como deveriam educar seus filhos. Mas, diferentemente da paideia greco-romana, na qual o homem ocupava posição central, os cristãos deveriam adotar a Paideia do Senhor: uma formação integral fundamentada na Palavra de Deus, que revela uma criação originada em Cristo e apresenta uma antropologia segundo a qual o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, incumbido de mandatos espiritual, social e cultural, tendo como finalidade principal glorificar a Deus. Nessa perspectiva, fé, moral e conhecimento não constituem esferas separadas, mas antes aspectos integrados de uma mesma realidade ordenada por Deus. A visão cristã de educação sustenta que ela deve apontar para a verdade revelada nas Escrituras. Toda busca pelo conhecimento parte de Cristo e encontra nEle sua finalidade última. Nessa perspectiva, não é possível buscar a verdade sem fazer referência a Deus, pois todo conhecimento procede dEle e existe para a sua glória. Uma proposta pedagógica que exclui Deus de seus fundamentos, rompe com a compreensão de que toda verdade e todo conhecimento têm sua origem nEle, assumindo, assim, pressupostos ateus, incompatíveis com a cosmovisão cristã[4].

[4] RUSHDOONY, Rousas John. *A filosofia do currículo cristão*. Brasília: Monergismo, 2019.

O distanciamento entre educação e religião ocorreu de forma gradativa e diretamente proporcional à prosperidade e autonomia humana na sociedade ocidental[5]. Desde o renascimento, o homem foi assumindo a centralidade do discurso conforme foi redescobrindo a cultura greco-romana. Após o advento da imprensa com Gutenberg, o conhecimento foi se tornando mais acessível e popularizado, assim como a escolarização pós-Reforma. A somatória desses eventos resultou numa alta confiança na razão humana, que se tornou o principal fundamento da certeza. René Descartes teve influência decisiva para uma educação centrada na autonomia racional do indivíduo, abrindo caminho para o cientificismo do século XVII, que consolidou o método empírico, associando o conhecimento à experimentação e utilidade prática. Os pensadores do século XVIII, era do Iluminismo, criticavam a tradição, a autoridade religiosa e a metafísica, entendiam a educação como meio de emancipação do homem que – como Rousseau dizia – nasce naturalmente bom e é corrompido pela sociedade. Essa mudança antropológica abriu caminho para o surgimento das correntes pedagógicas modernas, centradas na autonomia do indivíduo e na confiança na capacidade humana de construir o conhecimento independentemente de referenciais transcendentes, contribuindo para a progressiva secularização da educação.

A educação se tornou pragmática quando abandonou a visão integral do homem, focando apenas no utilitarismo do ensino para desenvolvimento humano e o serviço na sociedade. Longe dos princípios judaico-cristãos, a verdade foi relativizada, pois se ela não é mais absoluta, proveniente de um único Criador de tudo que existe, mas antes fundamentada na experiência humana, ela pode ser relativa à cosmovisão de cada um, já que processamos a realidade de formas distintas e interpretamos fatos a partir de pressupostos e crenças pessoais. A confiança no racionalismo humano e no materialismo, afastou o homem de Deus, o fez acreditar que novas descobertas científicas eram sinônimo de superioridade, que havia maior confiança na autoridade de especialistas e das instituições acadêmicas do que na tradição acumulada ao longo das gerações. A estatização da educação através dos séculos foi removendo sua raiz do seio

[5] LAMBERT, Jean-Marie. *Globalismo: volume II: a UNESCO por trás do espelho*. Joinville: Clube de Autores, 2024.

familiar, fazendo pais acreditarem que são incapazes de educar seus filhos, que eles não sabem o que os filhos devem aprender e que fora da escola não há educação[6].

Este trabalho tem como objetivo analisar os fundamentos filosóficos e se há compatibilidade entre a pedagogia moderna e a educação cristã. Parte-se da hipótese que as correntes pedagógicas modernas foram construídas sobre pressupostos antropológicos e epistemológicos que, em aspectos fundamentais, divergem da cosmovisão bíblica. Para isso, serão examinadas as origens históricas da educação humanista, seus principais pressupostos filosóficos e suas implicações para a prática educativa contemporânea. Em última análise, discutir educação significa discutir o próprio conceito de homem e sua finalidade última.

2. GÊNESE DA EDUCAÇÃO HUMANISTA

Historicamente, a educação no ocidente é um empreendimento familiar. Desde a antiguidade os romanos entendiam a formação dos seus cidadãos como responsabilidade dos pais. Após o domínio de colônias gregas no sul da Itália e da própria Grécia, os romanos incorporaram muitos aspectos da formação helênica, como a língua, filosofia e literatura, acrescentando a arte da retórica na formação de exímios oradores.

Os primeiros cristãos viveram em um ambiente fortemente influenciado pela cultura helenística e frequentavam escolas mantidas pelo governo imperial ou por mestres particulares. No Ocidente, compartilhavam muitos dos costumes e das tradições romanas comuns aos demais cidadãos do Império. Apesar disso, a formação cristã possuía fundamentos próprios, especialmente no que se referia à educação moral e espiritual dos filhos. A Bíblia apresenta orientações claras aos pais quanto à responsabilidade de instruir a próxima geração nos caminhos do Senhor, como em Deuteronômio 6:6–9 e Provérbios 22:6. Esses textos evidenciam uma compreensão educacional fundamentada na transmissão contínua da fé, dos valores e da verdade divina entre as gerações. Dessa forma, na tradição cristã primitiva, educação e religião não eram compreendidas como esferas separadas, mas integradas em um mesmo processo formativo[7].

---

[6] RUSHDOONY, Rousas John. *Esquizofrenia intelectual: cultura, crise e educação*. Brasília: Monergismo, 2016.

[7] NUNES, Ruy. *A história da educação na Antiguidade cristã*. 2. ed. Campinas: Kírion, 2018.

O saber antigo preservou-se nos livros que os mosteiros e as igrejas cuidadosamente mantiveram. A sua transmissão às gerações da Idade Média operou-se por meio da cópia de manuscritos e da elaboração de manuais e enciclopédias por alguns autores do fim do mundo antigo, como Santo Agostinho e Marciano Capela, e por escritores do início da Idade média, tais como Cassiodoro, Boécio, São Beda, entre outros. Agostinho de Hipona defendia as Escrituras como centro do aprendizado e as artes liberais como o meio de aprendizagem. No final da Idade Média iniciou-se uma crise educacional provocada, em parte, pelas transformações sociais decorrentes do crescimento urbano e das divisões entre classes na Europa ocidental. Esse cenário agravou-se ainda mais em razão das guerras, pestes, crises econômicas, conflitos políticos e abusos tributários praticados pela Igreja. Como consequência, cresceu o interesse por estudos mais pragmáticos e voltados ao retorno material imediato, enquanto os estudos sapienciais perderam espaço. Nesse contexto, o intelectual medieval gradualmente deu lugar ao humanista interessado na prosperidade, no lazer e na vida cultural, assumindo também uma postura mais crítica em relação ao clero e à Igreja. Paralelamente, observou-se o enfraquecimento dos estudos teológicos nas escolas, acompanhado da valorização crescente da ciência e de uma transformação significativa na mentalidade social[8].

Muitas transformações iniciadas no final da Idade Média consolidaram-se durante o Renascimento. Nesse contexto destacou-se Nicolau Maquiavel, fundador da ciência política moderna, que ao revelar estratégias frias, pragmáticas e muitas vezes dissimuladas de governantes para conquistar e manter o poder, nos mostra um espelho na educação moderna, que utiliza um mecanismo similar, aplicado de forma oculta para manipulação e engenharia social[9]. Além dele, teve autores humanistas e críticos da Igreja, como Erasmo de Roterdã e Francis Bacon, filósofo que revolucionou o método de investigação científica empírica. Tais mudanças bruscas alimentaram o maior movimento de ruptura de um mundo ocidental religioso para um mundo “emancipado”, o Iluminismo, iniciado no século XVIII, que colocou a razão acima da fé e da tradição, questionou o Antigo Regime, o absolutismo, o mercantilismo e a influência exercida pela

[8] NUNES, Ruy. *História da educação na Idade Média*. 2. ed. Campinas: Kírion, 2018.
[9] BERNARDIN, Pascal. *Maquiavel pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica*. Tradução de Alexandre Muller Ribeiro. Campinas: Vide Editorial, 2012.

Igreja Católica sobre a política e a sociedade. Acreditava que a razão era a única luz capaz de guiar a humanidade rumo ao progresso e ao conhecimento, criticava-se severamente os dogmas religiosos e o poder do clero, propondo a separação entre Estado e Igreja. Surgiram pensadores como Voltaire, grande crítico da intolerância religiosa e do absolutismo; Montesquieu, com a divisão dos poderes do Estado em Legislativo, Executivo e Judiciário; Jean-Jacques Rousseau, defensor da soberania popular e crítico da desigualdade social e John Locke, considerado o "pai do liberalismo". As ideias iluministas transformaram o pensamento ocidental e serviram como base ideológica para grandes rupturas, como a Independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa.

No Brasil, entre os séculos XVI e XVIII a educação foi conduzida pelos jesuítas, que ofereciam ensino formal juntamente com a catequese. Depois de exatos 210 anos de vigor desse modelo educacional, a ordem religiosa foi expulsa do Brasil e de Portugal em 1759, por ordem do Marquês de Pombal. Entre o final do século XVIII até o início do século XX, houve a transição do modelo religioso para o controle do Estado. As províncias eram responsáveis pelo ensino primário e o Estado pelo ensino superior. Essa época – de um Brasil rural - foi marcada pela falta de recursos e exclusão social, já que apenas a elite tinha acesso ao ensino, enquanto o povo e os escravos não eram educados. Foram criadas pelo Estado disciplinas isoladas (aulas régias), além de um imposto sobre carne e álcool para pagar professores, havia uma profunda desorganização por falta de docentes e recursos.

O século XX foi marcado por guerras mundiais, fascismo, nazismo e ascensão do comunismo, tudo isso preparou o terreno para a mudança brutal na educação mundial. Na América, a maior influência filosófica e pedagógica veio de John Dewey que, por sua vez, foi fortemente influenciado pela Escola de Leipzig, especificamente por meio dos trabalhos de Wilhelm Wundt, o fundador do primeiro Laboratório de Psicologia Experimental em Leipzig, na Alemanha, em 1879, originando a psicopedagogia[10].

O primeiro caso aplicado dessa teoria educacional, foi em 1921, em Leiston, Inglaterra, onde Alexander Sutherland Neil fundou uma escola idealizada sem hierarquia. Ele queria que o estudante tivesse poder, aprendendo as responsabilidades

[10] LIONNI, Paolo. *A conexão de Leipzig*. Campinas: Vide Editorial, 2020.

sociais. A Escola de Summerhill seguia a linha frankfurtiana, e o misto de imaturidade com autodisciplina resultou em falta de regra e fracasso acadêmico. Essa filosofia educacional, entende-se que a erudição é elitista, afasta a noção de mérito e nivela todos por baixo. Neil buscou inspiração numa viagem para a Alemanha - patrocinada pelo jornal New Era - onde bebeu da fonte Wundtiana e ajudou a levar o pragmatismo, o funcionalismo e a psicologia experimental para os professores americanos. Os EUA se inspiraram parcialmente desse modelo nacionalmente em 1960, com as *Progressive Schools*[11].

As ideias de Dewey, baseadas no pragmatismo humanista, e na psicologia experimental de "aprender fazendo" moldaram profundamente os intelectuais brasileiros, defensores da Escola Nova, como Anísio Teixeira e Cecília Meirelles, apoiados pela classe artística – marxista - que buscavam modernizar o ensino no país na década de 1930. Nessa mesma década surgiu o MEC (Ministério de educação), que tinha toda a sua direção composta por nomes mais ligados à filosofia moderna de educação e um viés socialista marxista, do que por profissionais capacitados tecnicamente. Em 1934, o ensino primário se tornou obrigatório e, nos 30 anos subsequentes, haveria uma mudança de mente no ensino, desvalorizando a cognição e valorizando mais as experiências sociais do aluno. Dewey também influenciou fortemente o considerado "Patrono da educação brasileira", Paulo Freire, que nasceu no ano de 1921, no estado do Pernambuco, lutou para que os alunos tomassem consciência da sua situação de oprimido e agissem em favor da própria libertação. Freire classificava o ensino tradicional em educação bancária, pelo fato de o aluno receber o conhecimento de forma passiva e o professor depositar no aluno esse conhecimento. Suas principais obras foram: *Educação como Prática da Liberdade* e *Pedagogia do Oprimido*, difundindo uma perspectiva educacional crítica influenciada por categorias marxistas em território nacional.

Entre os anos de 1923 e 1970, ocorreu a disseminação do construtivismo, idealizado por Jean Piaget (Experiências), tendo nomes importantes que desenvolveram academicamente essa filosofia educacional, como Lev Vygotsky (interação social) entre 1924 e 1926, Jerome Bruner (linguagem e pensamento) em 1960 e Emília Ferrero

[11] LAMBERT, Jean-Marie. *Globalismo: volume II: a UNESCO por trás do espelho*. Joinville: Clube de Autores, 2024.

(alfabetização) em 1971 – orientada por Jean Piaget. Em 1945, a ONU globaliza a ideia de uma nova sociedade através da educação e funda a UNESCO, sendo Piaget integrante das comissões técnicas na ONU, agora juntando a psicopedagogia e o marxismo, financiados pelos metacapitalistas, interessados em moldar uma nova sociedade.

Na década de 1960 as faculdades de pedagogia já haviam sofrido uma transformação filosófica pela nova proposta pedagógica-política e, embora o termo estrito "Teoria Crítica" esteja historicamente associado à Escola de Frankfurt na Alemanha (surgida na década de 1920), a França se destacou construindo sua própria e poderosa tradição de crítica social, política e cultural que explodiu no meio do século XX, principalmente entre as décadas de 1960 e 1970. Esse grupo de estudos linguísticos lançava a teoria crítica que julgava a erudição opressora. E, para evitar a opressão das pessoas ignorantes, propunham igualdade e educação acessível através do uso de uma linguagem popular. Entre 1960 e 1980, houve o enfraquecimento sistemático da língua. E quem controla a linguagem, controla o pensamento. Então por sua vez utilizavam a mídia como uma poderosa ferramenta de moldagem das mentes. Essas ideias eram fecundadas na Europa, gestadas nos EUA e espalhadas pelo mundo.

A partir da década de 1980, o Brasil iniciou debates mais amplos sobre a reorganização estrutural da educação, impulsionando reformas curriculares em diferentes Estados. Com a Constituição Federal de 1988, fortaleceu-se a ideia de uma educação nacional orientada por diretrizes comuns. Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) consolidou essas transformações ao estabelecer princípios gerais para a Educação Básica brasileira. Na década seguinte, o Ministério da Educação lançou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documentos elaborados para orientar os currículos escolares em todo o país. Posteriormente, essas discussões culminaram na criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista na LDB e fortalecida pelo Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014. A BNCC consolidou uma proposta educacional influenciada por correntes pedagógicas críticas e sociointeracionistas, que enfatizava competências, habilidades e experiências no processo de ensino.

A partir dessas transformações, os aspectos sociais do aluno passaram a ocupar posição central no processo educacional, enquanto a linguagem escolar foi gradualmente direcionada para gêneros textuais mais utilitários, como receitas, bilhetes,

bulas e manuais. Segundo críticos desse modelo, essa mudança contribuiu para a simplificação progressiva do vocabulário e para o enfraquecimento da capacidade de reflexão mais aprofundada, enquanto consolidava-se uma proposta pedagógica influenciada pela Teoria Crítica e por correntes antropológicas humanistas, perceptíveis desde a educação infantil, ao incentivar crianças ainda com repertório limitado de experiências a expressarem opiniões sobre questões complexas e distantes de sua realidade, abrindo espaço para a modelagem de seus discursos. Nesse contexto, argumenta-se que a escola passou a exercer influência crescente na formação intelectual e social do estudante. Em 2009, a ampliação do ensino obrigatório dos 4 aos 17 anos fortaleceu ainda mais o papel do Estado no processo educativo, reduzindo progressivamente a centralidade da família na formação do indivíduo.

3. A NEGAÇÃO DA TRANSCENDÊNCIA NA PRÁTICA EDUCATIVA

O capítulo anterior apresentou o desenvolvimento histórico da pedagogia humanista e seu afastamento dos fundamentos religiosos da educação. Essa mudança alcançou a organização escolar, os currículos, os objetivos do ensino e a formação moral dos estudantes. A razão humana, a experiência, o consenso social e as condições históricas passaram a determinar a compreensão do homem e do conhecimento.

A transcendência reconhece uma realidade superior ao ser humano, da qual procedem a verdade, a ordem moral e a finalidade da existência. Na cosmovisão cristã, Deus é o Criador e sustentador de todas as coisas. A pedagogia moderna organiza a prática educativa dentro de uma realidade imanente, interpretada a partir de seus elementos materiais e sociais. Essa orientação aparece na educação laica, nos currículos sem dimensão espiritual, nas pedagogias críticas de fundamento materialista e na formação moral sem referência transcendente.

3.1. Educação laica e estado neutro

A laicidade do Estado busca impedir o estabelecimento oficial de uma religião e proteger a liberdade de consciência dos cidadãos. Em uma sociedade plural, esse princípio permite que diferentes grupos expressem suas convicções e desenvolvam instituições coerentes com sua fé. O problema surge quando a laicidade é interpretada como exclusão das referências religiosas da esfera pública. Nesse caso, a religião é

transferida para a vida privada, enquanto as explicações naturalistas, pragmáticas e sociológicas assumem o espaço escolar como formas supostamente neutras de interpretação da realidade.

A ideia de neutralidade torna-se questionável porque toda escola realiza escolhas sobre os conteúdos, os valores e os objetivos da formação. Uma instituição que prioriza a preparação profissional orienta o estudante para a produtividade e para o mercado de trabalho, uma proposta comprometida com a transformação social procura formar sujeitos politicamente atuantes, e um modelo centrado na autonomia considera a liberdade individual uma das principais finalidades da educação. Cada opção revela uma concepção específica de homem e de realização humana.

Mauro Meister observa que a formação do Estado laico foi acompanhada por uma compreensão secularizada do ensino, segundo a qual "a criação do estado laico passou a ser confundida com um estado ateu e a escola laica, da mesma forma"[12]. Essa confusão alcançou inclusive instituições de origem cristã, que adotaram teorias pedagógicas sem examinar os pressupostos filosóficos presentes nelas. O secularismo passa, assim, a funcionar como uma filosofia pública, embora continue sendo apresentado como simples ausência de posicionamento religioso.

James K. A. Smith também questiona essa neutralidade ao afirmar que a educação forma determinado tipo de pessoa:

> A educação não é primordialmente um projeto intelectual cujo alvo é proporcionar informações; pelo contrário, educação é sobretudo uma questão de formação, a tarefa de moldar e criar um certo tipo de pessoa. O que caracteriza a pessoa é aquilo que ela ama ou deseja — o que ela considera a "boa vida" ou a imagem ideal da prosperidade humana.[13]

As rotinas, os conteúdos e as práticas da escola laica comunicam uma visão de mundo e orientam os desejos dos estudantes. Quando Deus é excluído da interpretação do conhecimento, o aluno aprende a compreender a ciência, a política, a economia e a moralidade como áreas autônomas. A neutralidade estatal deveria garantir liberdade às diferentes confissões e propostas educacionais, preservando o direito das famílias e das

---

[12] MEISTER, Mauro F. Prefácio. In: PORTELA NETO, Francisco Solano. *O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

[13] SMITH, James K. A. *Desejando o reino: culto, cosmovisão e formação cultural*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

instituições religiosas de ensinarem segundo suas convicções. A adoção obrigatória do secularismo estabelece uma interpretação específica da realidade e ultrapassa os limites próprios da laicidade.

3.2. Currículos sem dimensão espiritual

O currículo escolar expressa uma visão de mundo por meio da escolha, da organização e da apresentação dos conhecimentos. Os conteúdos selecionados revelam aquilo que a sociedade considera importante e digno de transmissão, enquanto os métodos e objetivos demonstram a finalidade atribuída à educação. Um currículo sem dimensão espiritual interpreta a realidade por categorias naturais, psicológicas, econômicas, políticas e sociais, deixando as perguntas sobre origem, sentido e finalidade fora do processo escolar.

Essa estrutura também favorece a fragmentação do conhecimento. A matemática estuda relações numéricas e lógicas, a biologia descreve os organismos, a história analisa os acontecimentos sociais e a literatura investiga textos e movimentos culturais. Cada disciplina oferece conhecimentos importantes, porém a falta de um eixo integrador dificulta a compreensão das relações existentes entre elas. O estudante recebe muitas informações, mas encontra dificuldades para reuni-las em uma visão coerente do mundo.

Filipe Fontes denomina essa estrutura de abordagem imanente:

> A primeira é a que poderíamos chamar de abordagem imanente. Trata-se da abordagem que concebe e apresenta os conteúdos como entes absolutos, que encerram em si mesmos o seu próprio significado. Logo, na maioria das vezes, não faz questão de estabelecer relações entre os conteúdos que estão sendo abordados e outros. Outras vezes, até procura estabelecer essas relações, mas encontra dificuldades pela falta de um eixo integrador.[14]

Na abordagem transcendente, os conhecimentos particulares são compreendidos em relação ao conjunto da realidade e ao Deus que lhes concedeu existência e significado.[11] Essa perspectiva mantém a investigação rigorosa de cada disciplina e oferece um fundamento para compreender a unidade do conhecimento. O

[14] FONTES, Filipe Costa. *Você educa de acordo com o que adora: educação tem tudo a ver com religião*. São José dos Campos: Fiel, 2021.

mundo pode ser estudado porque possui ordem, regularidade e inteligibilidade, características relacionadas à ação de seu Criador.

A exclusão da dimensão espiritual também reduz o alcance das disciplinas. A biologia descreve os processos da vida sem tratar de seu valor e propósito; a história explica os acontecimentos por fatores econômicos e sociais, enfraquecendo a reflexão sobre a responsabilidade moral dos agentes; e a literatura pode limitar-se à análise formal, perdendo parte de sua capacidade de formar a imaginação e os afetos. A presença isolada de uma disciplina religiosa mantém essa separação quando as demais áreas continuam organizadas por pressupostos seculares. A integração exige que a visão de realidade alcance os conteúdos, os métodos e as finalidades do currículo.

3.3. Pedagogias críticas e materialismo educacional

As pedagogias críticas compreendem a educação como uma atividade política inserida nas relações econômicas, sociais e culturais. A escola é analisada a partir das desigualdades, dos conflitos entre grupos e das estruturas de poder que influenciam o acesso ao conhecimento. Essa tradição contribuiu para chamar a atenção dos educadores para problemas como pobreza, exclusão e preconceito, além de mostrar que as instituições escolares podem reproduzir injustiças existentes na sociedade.

O materialismo educacional aparece quando as condições históricas e sociais se tornam a explicação principal da identidade humana. A pessoa passa a ser interpretada a partir de sua classe, de sua posição nas relações de poder e das estruturas culturais que moldam sua consciência. A religião recebe uma explicação predominantemente social, sendo tratada como expressão das necessidades humanas ou instrumento de conservação da ordem vigente.

Nessa compreensão, o problema humano concentra-se nas estruturas de opressão, enquanto a libertação depende da conscientização política e da transformação social. A educação assume a tarefa de conduzir o estudante de uma consciência considerada ingênua para uma postura crítica e comprometida com determinado projeto histórico. Desse modo, a formação escolar adquire uma função semelhante à redenção, pois deposita na ação humana e na reorganização da sociedade a esperança de superação dos conflitos.

Pascal Bernardin interpreta algumas reformas pedagógicas como parte da ampliação da função social da escola. Segundo sua análise, a formação intelectual passou a dividir espaço com o ensino não cognitivo e com o propósito de modificar valores, atitudes e comportamentos[15]. A instituição escolar assume maior poder sobre a formação da consciência e passa a atuar de maneira direta na construção do modelo de sociedade pretendido.

Dentro dessa perspectiva, Solano Portela reconhece aspectos relevantes do pensamento de Paulo Freire, entre eles a rejeição da neutralidade educacional, a responsabilidade do professor e a necessidade de limites na prática pedagógica. Ao mesmo tempo, aponta diferenças entre a antropologia cristã e os fundamentos das pedagogias críticas[16]. A visão cristã reconhece que o pecado alcança os indivíduos e as instituições, enquanto o materialismo concentra seu diagnóstico nas condições econômicas, políticas e sociais.

A compreensão do estudante a partir de sua posição social oferece uma descrição limitada do ser humano, que possui dimensões morais, espirituais, intelectuais, afetivas e relacionais. Sua identidade ultrapassa a classe e o contexto histórico em que vive. A transcendência fornece um padrão superior para julgar as estruturas de poder e os projetos de transformação social, permitindo que a justiça seja avaliada por critérios que não dependem exclusivamente dos interesses de grupos ou movimentos políticos.

3.4 Formação moral sem referência transcendente

Toda escola exerce formação moral por meio de suas regras, de seus relacionamentos e dos comportamentos que valoriza. A disciplina, a avaliação e o exercício da autoridade ensinam os estudantes a distinguir entre condutas aceitáveis e inaceitáveis, mesmo quando a instituição evita apresentar uma doutrina moral explícita. A educação secular costuma fundamentar essa formação nos direitos humanos, na autonomia, no respeito, na tolerância e na convivência democrática.

---

[15] BERNARDIN, Pascal. *Maquiavel pedagogo: ou o ministério da reforma psicológica*. Tradução de Alexandre Muller Ribeiro. Campinas: Vide Editorial, 2012.

[16] PORTELA NETO, Francisco Solano. *O que estão ensinando aos nossos filhos?: uma avaliação crítica da pedagogia contemporânea apresentando a resposta da educação escolar cristã*. São José dos Campos: Fiel, 2012.

Quando a transcendência é retirada, a origem dos valores passa a ser localizada na razão autônoma, no consenso social ou nas decisões políticas. A moralidade torna-se um acordo criado pelos seres humanos para organizar a vida coletiva, e suas normas acompanham as mudanças culturais de cada época. A escola procura formar estudantes honestos, responsáveis e solidários, ao mesmo tempo que a cultura relativista apresenta esses valores como construções históricas sujeitas a constantes redefinições.

A formação do caráter exige um padrão capaz de avaliar os desejos individuais, as decisões coletivas e as próprias instituições. A opinião pessoal pode estar equivocada, e o consenso social também pode legitimar injustiças. C. S. Lewis descreve a contradição de uma educação que espera produzir virtudes após abandonar os fundamentos objetivos da moralidade:

> Em uma espécie de ingenuidade macabra, removemos o órgão e demandamos sua função. Criamos os homens sem peito e esperamos deles a virtude e a iniciativa. Zombamos da honra e ficamos chocados ao encontrar traidores em nosso meio. Nós os castramos e exigimos dos castrados que sejam frutíferos.[17]

A expressão “homens sem peito” representa pessoas que receberam formação intelectual e treinamento técnico, porém tiveram seus sentimentos separados de uma ordem moral objetiva. Para Lewis, educar também significa ensinar o estudante a amar aquilo que é digno de amor e a rejeitar aquilo que é moralmente incorreto. O caráter depende da formação da razão, dos desejos e dos afetos.

A moralidade secular frequentemente justifica as virtudes por sua utilidade social: o respeito favorece a convivência, a honestidade fortalece a confiança e a solidariedade reduz conflitos. Essa fundamentação perde força quando o comportamento incorreto oferece maiores vantagens ao indivíduo. Na perspectiva cristã, a dignidade humana procede do fato de cada pessoa ter sido criada à imagem de Deus, enquanto a justiça, a verdade e o amor encontram fundamento no caráter do próprio Criador. A referência transcendente oferece unidade e autoridade aos valores ensinados pela escola e estabelece uma finalidade superior para a formação moral.

---

[17] LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

4. VISÃO CRISTÃ DA EDUCAÇÃO

4.1. A metafísica do currículo: a unidade do conhecimento em Cristo

A educação clássica cristã não começa com "o que" ensinar, mas com "quem" é a fonte da verdade. No modelo humanista moderno, o currículo é fragmentado em disciplinas isoladas, onde a matemática não conversa com a história e a religião é relegada ao campo subjetivo do sentimento. Em contraste, a visão clássica protestante sustenta que a verdade é uma unidade, pois emana de um único Criador.[18]

4.2. A "Rainha das Ciências": A teologia como eixo integrador

Historicamente, a teologia era chamada de *Regina Scientiarum* (Rainha das Ciências).[19] No currículo clássico prático, isso significa que a Bíblia não é apenas uma disciplina a mais na grade horária, mas o sol em torno do qual todos os outros planetas (disciplinas) orbitam. Ao estudar biologia, o aluno não estuda apenas processos aleatórios, mas a complexidade da Criação. Ao estudar línguas, ele estuda a ferramenta que Deus escolheu para se revelar (o Logos). A teologia fornece a gramática básica para interpretar toda a realidade[20].

4.3. O rejeito à fragmentação Iluminista

O humanismo pedagógico herdou do Iluminismo a ideia de que a razão humana é autônoma e pode explicar o mundo sem referência ao transcendente. Isso gerou o que chamamos de “currículo de colcha de retalhos”, em que o aluno consome informações desconexas.

A visão bíblica, baseada em Colossenses 1:17 (“Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste”), exige um currículo integrado. Praticamente, isso se manifesta na interdisciplinaridade: a literatura de uma época é estudada junto com sua história, sua arte e seus movimentos teológicos, mostrando como as ideias de Deus (ou a negação delas) moldaram as sociedades[21].

---

[18] RUSHDOONY, Rousas John. *A filosofia do currículo cristão*. Brasília: Monergismo, 2019.
[19] AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. 9 v. São Paulo: Loyola, 2001-2006.
[20] AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Vozes, 2023.
[21] RUSHDOONY, Rousas John. *A filosofia do currículo cristão*. Brasília: Monergismo, 2019.

4.4. O conceito de Cristo Pantocrator no ensino

O termo *Pantocrator* (Soberano sobre todas as coisas) implica que não há “fato neutro”. Um número não é apenas um símbolo; ele reflete a ordem e a imutabilidade de Deus. Uma regra gramatical reflete a estrutura lógica do pensamento dada pelo Criador.

4.5. As ferramentas do aprendizado: O Trivium na prática

Diferente da pedagogia moderna, que muitas vezes foca em "aprender a fazer" (técnica), o currículo clássico foca em "aprender a aprender". O diferencial cristão aqui é a crença de que as fases de desenvolvimento da criança são um design divino, e o ensino deve honrar essa estrutura criada por Deus.

4.6. A fase da gramática (Anos Iniciais): O repertório da verdade

Nesta fase, aproximadamente entre 6 e 10 anos, a criança tem uma facilidade natural para memorizar. O currículo clássico aproveita essa inclinação, chamada por Dorothy Sayers[22] de estágio "Papagaio" e nas Escrituras Sagradas encontramos em Deuteronômio 6:6-7 a base bíblica desse conceito: "Estas palavras... as repetirás a teus filhos". Ao invés de focar apenas em "expressão criativa" (comum no humanismo), o aluno decora as regras da língua, tabelas de aritmética, fatos históricos, catecismos e passagens bíblicas. Isso constrói um "celeiro" de verdades fundamentais que alimentarão o raciocínio futuro. Sem fatos memorizados, o pensamento crítico é vazio.

4.7. A fase da lógica (ensino fundamental II): O discernimento contra o relativismo

No estágio "Pert", entre os 11 e os 13 anos, o aluno começa a questionar e buscar causas. O currículo clássico introduz a Lógica Formal e Informal, assim como a visão bíblica foca na busca pela sabedoria e no discernimento entre o bem e o mal (Hebreus 5:14)[23]. O aluno aprende a identificar falácias lógicas nas ideologias seculares. Enquanto o modelo humanista incentiva a "minha verdade", a lógica cristã ensina que a verdade é objetiva e externa ao homem. É o treinamento da mente para pensar de forma coerente

---

[22] SAYERS, Dorothy L. *As ferramentas perdidas da aprendizagem*. Campinas: Kírion, 2023.
[23] BLUEDORN, Harvey; BLUEDORN, Laurie. *Ensinando o trivium*. v. 1: *O trivium teórico*. Brasília: Monergismo, 2018.

e bíblica sobre todos os assuntos, identificando onde o pensamento moderno se desvia da realidade criada por Deus.

4.8. A fase da retórica (ensino médio): Eloquência a serviço do Reino

No estágio "Poético", entre 14 e 18 anos, o jovem deseja se expressar[24]. O currículo foca na síntese e na comunicação bela e persuasiva. Encontramos a base bíblica em 1 Pedro 3:15 ("estando sempre preparados para responder a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós"). O aluno é treinado para escrever ensaios profundos e fazer discursos eloquentes. O objetivo não é o "marketing" pessoal (visão humanista de sucesso), mas o uso da linguagem para edificar o próximo e glorificar a Deus. A retórica cristã é a "Verdade em trajes de beleza".

4.9. O conteúdo: Os "Grandes Livros" e a conversa com a tradição

Enquanto o currículo humanista moderno é frequentemente refém do "cronocentrismo" (a crença de que o que é novo é necessariamente melhor), o currículo clássico cristão baseia-se na continuidade da sabedoria. Praticamente, isso significa substituir manuais didáticos mastigados pelo contato direto com as mentes que moldaram o ocidente[25].

4.10. Livros vivos e os livros didáticos

O modelo humanista utiliza livros didáticos que filtram a realidade através de uma lente sociológica ou utilitária, muitas vezes removendo a dimensão espiritual. O currículo clássico utiliza os "Livros Vivos" (Living Books)[26], ao invés de ler um resumo sobre a Reforma Protestante, o aluno lê trechos de Lutero e Calvino, em vez de apenas ouvir sobre a ética grega, lê-se Homero e Platão. O objetivo é expor a mente do aluno a ideias densas e à linguagem elevada, combatendo o empobrecimento intelectual e o vocabulário restrito da pedagogia moderna.

---

[24] SAYERS, Dorothy L. *As ferramentas perdidas da aprendizagem*. Campinas: Kírion, 2023.
[25] ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. *Como ler livros*. São Paulo: Kírion, 2025.
[26] MASON, Charlotte M. *Educação no lar*. v. 1. Campinas: Ideias Vivas, 2024.

4.11. O "Grande Diálogo" sob o filtro das Escrituras

O currículo clássico insere o aluno no que chamamos de "Grande Diálogo": a conversa milenar sobre Deus, o homem, a justiça e a beleza[27]. Aplica-se o princípio de 1 Tessalonicenses 5:21 ("Julgai todas as coisas, retende o que é bom"). O aluno não lê autores pagãos para segui-los, mas para entendê-los e confrontá-los com a Verdade bíblica. No modelo humanista, o aluno é "protegido" da tradição ou incentivado a desprezá-la. No modelo cristão, ele aprende a respeitar a ancestralidade intelectual, identificando onde os filósofos acertaram (pela Graça Comum) e onde erraram (pela Queda).

4.12. A formação da imaginação moral

Através da leitura de grandes epopeias, poesias e biografias de santos e heróis da fé, o currículo clássico trabalha a imaginação, enquanto a pedagogia moderna foca em "problemas sociais" abstratos, os Grandes Livros focam em virtudes concretas e no drama da alma humana diante de Deus. O aluno aprende sobre coragem com Aquiles (e suas limitações) e sobre graça com as confissões de Santo Agostinho. Isso cria um repertório de imagens que o ajuda a viver uma vida virtuosa[28].

4.13. A pedagogia da virtude: O Ordo Amoris (A Ordenação dos Afetos)

A pedagogia moderna, influenciada por vertentes pragmáticas e construtivistas, encara a educação como um processo de aquisição de habilidades para o mercado ou para a cidadania secular. Em contraste, a visão clássica cristã define a educação como a formação da alma. O objetivo prático do currículo não é apenas que o aluno saiba a verdade, mas que ele ame a verdade.

Baseado no pensamento de Santo Agostinho[29] e popularizado por C.S. Lewis em A Abolição do Homem[30], o conceito de Ordo Amoris é o eixo central desta pedagogia. A visão bíblica baseia-se em Filipenses 4:8 ("Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto... se há alguma virtude, nisso pensai"). Educar é ensinar o aluno a ter

---

[27] ADLER, Mortimer J.; VAN DOREN, Charles. *Como ler livros*. São Paulo: Kírion, 2025.
[28] LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
[29] AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã*. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Vozes, 2023.
[30] LEWIS, C. S. *A abolição do homem*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

"afetos ordenados", isso significa que ele deve aprender a amar o que é digno de amor (o bem, a justiça, a fidelidade) e a detestar o que é vil. No currículo clássico, a literatura e a história são usadas para apresentar modelos de virtude e vício, moldando o gosto moral do aluno antes mesmo que ele possa racionalizá-lo completamente.

4.14. O cultivo dos transcendentais: O bom, o verdadeiro e o belo

O currículo humanista frequentemente cai no relativismo ("a beleza está nos olhos de quem vê"). A educação clássica cristã sustenta que esses três atributos emanam de Deus e são objetivos. O Verdadeiro: O currículo treina a mente para buscar fatos e a verdade absoluta em um mundo de "pós-verdade". O Bom: O currículo treina a vontade para escolher o caminho do dever e do sacrifício cristão. O Belo: O currículo treina os sentidos. Praticamente, isso significa expor o aluno à grande música (Bach, por exemplo), às belas artes e à natureza, combatendo a estética degradada ou puramente utilitária do mundo moderno[31].

4.15. Disciplina como discipulado

No modelo humanista, a disciplina escolar é vista ou como repressão (que deve ser evitada) ou como um contrato social de convivência. A visão bíblica é que a autoridade do professor é delegada por Deus (Romanos 13), e a criança é vista como alguém que precisa de correção e instrução no Senhor (Provérbios 22:6). Na prática a disciplina não é apenas punitiva, mas restaurativa. O professor atua como um mentor que guia o aluno na luta contra sua própria natureza caída, incentivando hábitos de diligência, atenção e respeito. A sala de aula torna-se um microcosmo da vida cristã[32].

4.16. Exemplo Prático de Integração da História no Currículo Clássico

Enquanto o currículo humanista moderno ensina a História como um processo caótico de lutas de poder, avanços tecnológicos ou progresso social autônomo, o currículo clássico cristão a apresenta como a "História da Redenção". Praticamente, a

---

[31] AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
[32] RUSHDOONY, Rousas John. *A filosofia do currículo cristão*. Brasília: Monergismo, 2019.

disciplina deixa de ser uma lista de datas para se tornar o estudo da providência divina no tempo.

4.17. A Linearidade providencial em contraste com o acaso humanista

No modelo humanista, a história é frequentemente cíclica ou um progresso sem fim rumo a uma utopia terrestre. A visão bíblica baseia-se em Atos 17:26, que afirma que Deus determinou os tempos e os limites da habitação dos homens. Na prática, o currículo clássico é estritamente cronológico. O aluno começa na Antiguidade (Criação e Queda) e segue até a Modernidade. Isso permite que ele perceba a fidelidade de Deus e como as promessas bíblicas se cumpriram historicamente (ex: a preparação do mundo greco-romano para a vinda de Cristo, o Kairós).

4.18. O Estudo das biografias: Virtudes e vícios em contexto

Em vez de focar apenas em estruturas socioeconômicas (visão marxista/humanista), o currículo clássico foca em grandes figuras e suas escolhas morais. O aluno estuda a vida de homens como Constantino, Carlos Magno e Lutero. Ele não analisa apenas suas vitórias políticas, mas o impacto de sua fé (ou a falta dela) na cultura. Isso transforma a aula de história em uma lição de ética e soberania de Deus, mostrando que as ideias têm consequências reais e eternas.

4.19. Integração com a Literatura e a Teologia

No currículo clássico, a história não é estudada isoladamente. Ao estudar a Idade Média, o aluno lê simultaneamente A Divina Comédia de Dante (Literatura) e as Cinco Vias de Tomás de Aquino (Teologia/Lógica). Ele vê como a arquitetura das catedrais góticas (Artes) reflete a busca daquela sociedade pela transcendência de Deus. O Resultado é um aluno que compreende que a cultura de uma época é o fruto de sua adoração. Isso prova que a fé cristã não é um "anexo" à história, mas o motor que deu sentido à civilização ocidental.

4.20. O Currículo como culto e resistência intelectual

A análise da estrutura curricular clássica cristã revela que a educação, sob uma perspectiva protestante, é indissociável da soberania de Deus. Enquanto o modelo

humanista fragmenta o saber e centraliza o homem como medida de todas as coisas, o currículo clássico restaura a unidade do conhecimento em Cristo, a "Rainha das Ciências", garantindo que cada disciplina aponte para o Criador.

Através do Trivium, demonstrou-se que o aprendizado respeita o design divino do desenvolvimento infantil, equipando o aluno não apenas com dados, mas com as "ferramentas do aprendizado" necessárias para discernir a verdade em um mundo de ideologias conflitantes. O contato com os Grandes Livros permite que o estudante participe de um diálogo milenar, avaliando a tradição ocidental sob o filtro inegociável das Escrituras e fugindo do utilitarismo técnico da pedagogia moderna.

Por fim, a Pedagogia da Virtude e o exemplo prático da História confirmam que o objetivo final desta educação é o *Ordo Amoris*: a ordenação dos afetos para que o aluno aprenda a amar o que Deus ama. Ao enxergar a história como a narrativa da providência divina, o currículo clássico rejeita o acaso humanista e prepara o jovem para exercer sua vocação com sabedoria e piedade. Em suma, a aplicação prática deste modelo prova que a fé cristã não é um complemento ao ensino, mas a própria luz que torna o conhecimento possível, oferecendo uma formação integral que o humanismo, por sua natureza imanente, é incapaz de alcançar.

5. A TENSÃO ENTRE A FÉ CRISTÃ E A PEDAGOGIA HUMANISTA

À luz dos pressupostos apresentados nos capítulos anteriores, vemos que a relação entre a fé cristã e a pedagogia humanista é marcada por históricas e complexas tensões. Ambas apresentam propostas de formação humana, mas partem de pressupostos filosóficos, antropológicos e epistemológicos totalmente distintos.

Para educar é necessário entender quem é o educando e para que ele está sendo educado. Nas duas concepções educacionais apresentadas encontramos respostas opostas. A visão cristã entende o homem como criatura divina, formado à imagem e semelhança do seu criador – refletindo atributos comunicáveis de Deus – maculado pelo pecado, e incumbido de mandatos. A finalidade verdadeira dessa educação, conforme descrito por Jan Amos Comenius, em sua obra clássica *Didática Magna* (1657)[33], consiste em formar o homem para Deus, ou seja, o desenvolvimento das faculdades intelectuais

[33] COMENIUS, Jan Amos. *Didática magna*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

e humanas não se encerra em si mesmo, mas configura-se como um caminho de restauração espiritual, redenção da queda e transcendência. A pedagogia humanista secular concebe o homem como neutro e resultado de processos naturais e históricos, que necessita receber uma educação instrumentalista, voltada para sua autorrealização, autodeterminação, plena autonomia, a qual ditará o propósito de sua vida.

As bases epistemológicas são outro ponto de tensão, enquanto na visão cristã a verdade é absoluta, imutável e revelada de forma geral na criação e forma especial pela Palavra de Deus, o humanismo se baseia na experiência, no consenso social e na razão humana, compreendendo o homem como resultado de processos naturais e históricos. Nessa perspectiva o conhecimento é um acúmulo de evidências coletadas pela observação de processos naturais, ignorando o fato de que toda evidência carece de uma interpretação. Dessa forma, a divergência entre os dois modelos não reside apenas nos conteúdos ensinados, mas no próprio fundamento a partir do qual o conhecimento é interpretado.

Esses diferentes pressupostos filosóficos, teológicos, antropológicos e epistemológicos inevitavelmente produzem consequências pedagógicas distintas. Na concepção cristã, tendo o objetivo educacional como a glória de Deus, o currículo adotado apontará para esse fim em todas as disciplinas, tratando o conhecimento de forma integrada tendo origem e fim em Cristo, autor da criação. A abordagem metodológica será definida não pelo conformismo na natureza humana, mas para a transformação desse ser dentro dos padrões estabelecidos na Palavra de Deus, incluindo as dimensões morais e espirituais. A autoridade educacional instituída por Deus é em primeira instância familiar, sendo a igreja e o Estado meros auxiliadores da família nessa tarefa. Enquanto o humanismo tem o desenvolvimento do homem como um fim em si mesmo, ele adequa seu currículo às necessidades estatais, moldando e adaptando suas técnicas pedagógicas ao homem natural. Compreender essa relação permite refletir sobre os desafios da educação na sociedade atual.

Diante dessas diferenças, percebe-se que a divergência entre a pedagogia humanista e a educação cristã ultrapassa questões metodológicas. Ela alcança a compreensão da própria realidade, da natureza humana e da finalidade do conhecimento. A educação contemporânea vive uma crise moral que, à luz dos pressupostos analisados neste trabalho, não constitui um acidente histórico, mas resulta

da rejeição da Verdade Absoluta. Desse modo, somente ao reatar o vínculo entre fé e razão, e ao reconhecer o temor do Senhor como o princípio da verdadeira sabedoria, será possível restituir à educação a sua real dignidade: a de formar o ser humano em sua plenitude cognitiva, moral, e espiritual, preparando-o tanto para o serviço virtuoso no mundo quanto para o seu destino eterno[34].

6. CONCLUSÃO

Após a análise desenvolvida nos capítulos anteriores, que apresentou a evolução histórica da educação desde a Antiguidade até a concepção moderna e secular, bem como o confronto entre seus pressupostos filosóficos, antropológicos e finalidades, conclui-se que não há conciliação possível entre a educação cristã e a pedagogia humanista, por partirem de fundamentos distintos.

A educação cristã é baseada nas promessas de um Deus absoluto, repleta de esperança para os fiéis que transmitem o conhecimento da verdade para as próximas gerações, fazendo parte do mandato cultural recebido por Deus. Trata-se da transmissão de conhecimento e formação de caráter, de pais para filhos, a partir de Deus, para que o homem alcance a perfeita varonilidade à medida da estatura da plenitude de Cristo. É pautada na realidade de que nenhum fato pode ser conhecido a não ser em sua relação com Deus. A educação cristã jamais promove o desenraizamento do ser humano, não rompe os laços com o lar, mas confirma-os no desenvolvimento pleno do conhecimento, da retidão, da santidade e do domínio do homem sobre cada aspecto da vida. Essa educação é, portanto, para o desenvolvimento na instrução piedosa das próximas gerações, respeitando a hierarquia instituída por Deus nessa missão, para o serviço do corpo de Cristo e da comunidade.

A educação humanista, por sua vez, baseia-se no secularismo e no ideal de um homem desvinculado de qualquer fundamento transcendente, que precisa ser formado do zero. Entende que a educação deve ser estatal mediante a perspectiva da "boa vida" totalmente divorciada de Deus, e de todos os critérios transcendentais. A educação estatal tende a substituir progressivamente a autoridade formativa da família e da tradição religiosa que possam estar incutidas no educando, através da doutrinação,

[34] RUSHDOONY, Rousas John. *A filosofia do currículo cristão*. Brasília: Monergismo, 2019.

dessa forma a família e a igreja são apenas facetas de uma vida comum, sem autoridade intelectual. O resultado esperado é a plenitude e a autorrealização do indivíduo alcançadas, mesmo que às expensas dos outros, podendo, até mesmo, envolver seu sacrifício.

Em síntese, a educação cristã fundamenta-se em princípios e verdades absolutas, compreendidos através das revelações geral e especial de Deus. Entende que o verdadeiro aprendizado e a verdadeira piedade caminham juntos, e o cristianismo abrange todas as áreas da vida. Não tem o homem como fruto de processos naturais e históricos, nem sob domínio do Estado, mas, sim, como vice-regente de Deus, criado à Sua imagem e chamado para estabelecer o domínio sobre toda a criação e sobre si mesmo. Esse chamado, com suas responsabilidades e consequências, não pode ser removido ou alterado por qualquer outra concepção educacional.